



Quando Os Lobos Uivam

Aquilino Ribeiro

Download now

Read Online ➔

Quando Os Lobos Uivam

Aquilino Ribeiro

Quando Os Lobos Uivam Aquilino Ribeiro

Serra dos Milhafres, finais dos anos 40, o Estado Novo resolve impor aos beirões uma nova lei: Os terrenos baldios que sempre tinham sido utilizados para bem comunitário e onde essa comunidade retirava parte vital do seu sustento, seriam agora "expropriados" e esses terrenos utilizados para plantar pinheiros. Assim, sem mais nem menos, o Estado chega e diz que, a partir daquele momento, acabou. Implanta-se um clima de medo nas gentes e é esse clima que Manuel Louvadeus, que havia emigrado para o Brasil anos antes, vem encontrar quando regressa à aldeia. Homem vivido e culto devido, segundo o próprio, aos muitos livros que por lá havia lido, Manuel tem uma visão para os dois lados e um sentido de justiça que rapidamente o fazem cair nas boas graças das gentes do povo. Toma então parte da sua gente, homens honestos e humildes que trabalham de Sol a Sol mas que não deixam de viver em condições miseráveis. A revolta acaba por suceder e entre mortos e feridos tudo acaba numa caçada aos homens por parte da polícia que leva muitos homens à prisão acusados de serem instigadores e cérebros da revolta. O Estado mostra então todo o seu esplendoroso poder. Aqui representado está a saga dos beirões na defesa dos terrenos baldios perante a ditadura do Estado Novo.

Quando Os Lobos Uivam Details

Date : Published by Bertrand (first published January 1st 1958)

ISBN :

Author : Aquilino Ribeiro

Format : 260 pages

Genre : Cultural, Portugal, Romance

 [Download Quando Os Lobos Uivam ...pdf](#)

 [Read Online Quando Os Lobos Uivam ...pdf](#)

Download and Read Free Online Quando Os Lobos Uivam Aquilino Ribeiro

From Reader Review Quando Os Lobos Uivam for online ebook

Ana says

4,5*

Quando os Lobos Uivam retrata a resistência e revolta do povo serrano da zona das Beiras contra o arbítrio do Estado autoritário que, na década de 1940, expropria as zonas de exploração comunitária convertendo-as em floresta de pinheiros sob jurisdição estatal. Uma medida que ameaça não só a normal subsistência das gentes serranas, mas sobretudo a sua ligação ancestral a um meio natural que lhes está entranhado e que molda a sua identidade.

O livro foi proibido pela censura do Estado Novo por motivos políticos: as críticas ao regime ditatorial, em especial os tribunais plenários (que o relatório da censura refere serem “focados numa forma infamante”). Não obstante o aparente carácter regionalista, o alcance desta narrativa acaba por ser bastante mais universal.

De início estranha-se um pouco a linguagem que usa de modo prolífero vocábulos incomuns, muitos deles inexistentes no dicionário (diz-se que Aquilino fazia uma recolha exaustiva de vocábulos regionais, chegando a recompensar monetariamente quem lhe desse a conhecer novas palavras utilizadas regional e localmente). Não entendi, contudo, que esta particularidade atrapalhasse a leitura que achei deliciosa. Para quem se deleita com a língua portuguesa esta obra é um repasto.

"Manuel Louvadeus dum galão subiu os degraus. Em cima, no patamar, topou a porta fechada e deteve-se, quando ia para bater, como quem toma fôlego. Com a breca, achava tudo tal e qual! Os dez anos de ausência apagaram-se como um sopro perante a obsessiva eternidade que se lhe oferecia ao lance de olhos. (...) Que distância, anos e anos que correram na levada do tempo, e as coisas conservarem-se ali iguaizinhas, estáticas, teimosas no seu ar de encantamento! Talvez mais velhas... Sim, mais velhas, ferradas mais fundo pelos dentes da morte e a despenhar-se na voragem como as telhas do beiral."
(p.11)

"E a evasão ao quotidiano, que parece ser uma necessidade visceral do homem com a sua carga de deveres obrigações, a cada passo atira-o para a serra. Em suma, a psique do meu serrano precisa de penedos, vales reclusos, penhascais, morros esburgados de vegetação, como um cão precisa de ossos. Foi deles, da sua premente visão, que se lhe formou a cartilagem moral."
(p.209)

Sacha says

Quando os Lobos Uivam, de Aquilino Ribeiro, foi um livro proibido durante o Regime Salazarista pelo seu carácter crítico e frontal. Atualmente é uma obra aclamada e por essa razão foi a minha escolha para o

Contrato de Leitura.

Com esta obra o escritor expôs o modo de vida do Interior do país, nas áreas rurais, e como estas eram afetadas pela negligência e superioridade do Estado. A história centra-se em Manuel Louvadeus, um emigrante retornado do Brasil. Manuel é oriundo de uma pequena aldeia perto da Serra dos Milhafres e no seu regresso depara-se com uma situação que disturba o povo: o Estado ordenou um plano de arborização à Serra dos Milhafres. É desta forma que surge o conflito da história. O caos é semeado pelos serranos dependentes do sustento da serra, já miseráveis devido aos impostos. Apesar dos protestos dos serranos, o Estado não vacila e avança com as máquinas para a desflorestação da serra. Sem outra opção, os serranos revoltam-se num confronto violento para fazerem valer os seus direitos.

Esta sucessão de eventos é utilizada por Aquilo Ribeiro como meio de criticar a actuação do Estado, considerando-o prepotente, opressor e utilizador de meios violentos para atingir os seus fins. A Polícia, a Guarda Republicana, os funcionários públicos e os Tribunais são outros organismos criticados no livro. Quando os presos da revolta são julgados é clara a injustiça e a corrupção, sendo que todos os arguidos são sentenciados, incluindo Manuel Louvadeus que era inocente.

Existe uma outra faceta do livro na qual o escritor expressa o modo de vida dos emigrantes portugueses no Brasil. Em analepse, é contada a aventura de Manuel por Mato Grosso onde teve de trabalhar no duro enquanto garimpeiro. Aí fez uma secreta fortuna em pedras preciosas que lhe foram roubadas. Embora tenha morto o ladrão, um amigo português, não sabe onde este escondeu a fortuna. Ao longo de todo o livro, a grande ânsia de Manuel é regressar ao Brasil e encontrar a sua fortuna para que depois com que ela posso cumprir o seu desejo de modernizar a aldeia. Este é outro elemento crítico do livro. O Estado modernizava cidades como Lisboa e Estoril mas as aldeias do Interior careciam do básico, como electricidade ou escolas. Quando os Lobos Uivam conseguiu ser uma leitura surpreendente. Durante a leitura encarei algumas dificuldades com a escrita apresentada. O escritor utiliza termos rurais, “abrasileirados” e arcaicos. Há períodos de narração extensa que conseguiram ser um pouco desanimadores, mas no fim fiquei contente por ter decidido ler este livro. O que mais gostei foi, sem dúvida, a índole crítica e revolucionária do livro. É uma obra marcante.

Aquilo Ribeiro, neste livro, transmitiu convincentemente a luta do povo português. Ao terminar a leitura, fiquei com a sensação de que a justiça social era feita pelas palavras deste mestre da literatura portuguesa. Admirei-me com a coragem de Aquilo Ribeiro ao publicar uma obra que sabia ser censurada. Mesmo assim é-lhe prestado valor por Salazar, que sobre ele diz: “É um inimigo do regime. Dir-lhe-á mal de mim, mas não importa: é um grande escritor”. Sem dúvida uma leitura que recomendo!

Luís Miguel says

Li-o logo após “A Selva” de Ferreira de Castro, com a fasquia bem alta, pelo anterior e por Saramago que menciona Aquilino no discurso de agradecimento do Nobel. Do Brasil para Portugal, foi também o percurso de Manuel Louvadeus, regressado após 10 anos – sem dar notícias há 6. O seu início é fenomenal e, para quem prefere a crítica política subtil, Aquilino Ribeiro começa por manter assim as distâncias. No entanto, a obra quer-se inflamada e, pouco depois, sabemos personagens e terra enlevados nos meandros constritores da política no Estado Novo.

Que dizer desta escrita? Por vezes brilhantes, outras vezes, sou eu que não apanho a sua inteireza. Lamento a falta de imparcialidade – melhor, falta de polimento - no tratamento político dos intervenientes: parece-me que Aquilino Ribeiro e Oliveira Salazar eram duas forças contrárias de igual carácter, impondo-se nesse sentido, uma visão mais honesta em certos pontos do livro. Essa “ferrugem” acaba por acusar a sua idade, todavia, sem o comprometer. Começa e acaba em génio absoluto.

O Lobo uiva com fome, de alimento para o corpo e alma. Olhando-o no seu todo, fica o desaparecimento do idealista, a vitória do poder instituído (não sem embaraço) e do indivíduo desligado do progresso social, cujos herdeiros estão condenados a lutar com os animais pelo seu lugar. A linguagem magistral deste autor é a sua maior herança e merece lugar nobre na literatura portuguesa.

Nuno Martins says

Mais uma vez Aquilino não me desiludiu, mestre de uma escrita inigualável, é uma delícia e uma alegria ler os seus livros, a sua linguagem "regionalista", cheia de palavras "esquecidas" e do povo rural, transporta-nos para um tempo e para um Portugal que não existe mais e este livro é a prova disso!

Aquilino neste romance conta-nos a luta de um povo rural, "serrão" perdido pelas serras e penedos da Beira Alta, um povo esquecido praticamente parado no tempo, em que de repente o governo de Lisboa vem "de um dia para o outro" alterar-lhes por completo a vida e retirar-lhes à força o que era deles, a serra, a sua subsistência e a sua liberdade.

É também a história de duas famílias, os "Louvadeus", pessoas de bem cujo "pai" Manuel regressa do Brasil após uma série de anos sem dar notícias e o "avô" Teotônio, homem duro da montanha, caçador furtivo, que encarnam a moral e a razão, e dos "Lêndeas", Barnabé e os seus dois filhos, vigaristas e traiçoeiros e que tentam aproveitar-se da situação para lucrarem com a desgraça dos outros.

Mas este livro é acima de tudo um livro "político", mostra-nos a prepotência do regime fascista, o abuso, a falta de liberdade, a falta de consideração pelo seu povo, a força bruta e acima de tudo uma justiça "falsa", onde o povo por mais razão que tivesse nada podia contra o estado e o regime, foi graças a este livro que Aquilino foi perseguido e o livro proibido.

Por todas estas razões aconselho a leitura do mesmo.

Rita says

Aquilino Ribeiro, escritor, conspirador anti-monárquico, propagandista republicano e resistente democrata, é um dos grandes nomes da literatura portuguesa e repousa, desde 2007, com a dignidade merecida, no Panteão Nacional.

A sua vida foi bastante atribulada. Depois de vir viver para Lisboa foi preso em 1907, acusado de ataque bombista e anarquismo. Fugiu, e exilou-se em Paris. Após a proclamação da República voltou a Portugal mas, em 1928, volta a exilar-se. Foi casado duas vezes e teve um filho de cada relacionamento, Aníbal, o primogénito e para quem escreveu O Romance da Raposa, e Aquilino Ribeiro Machado que foi Presidente da Câmara Municipal de Lisboa entre 1977 e 1979.

Em 1960 foi proposto para o Prémio Nobel da Literatura.

Quando os Lobos uivam retrata a luta dos beirões em defesa dos terrenos baldios, durante a ditadura, nos finais dos anos 40 e início dos anos 50.

"A serra foi dos serranos desde que o mundo é mundo, herdade de pais para filhos. Quem vier para no-la tirar connosco se há-de haver."

A sua publicação em 1958 valeu-lhe um mandado de captura e a apreensão de todos os exemplares, já vendidos, pelo Estado Novo. Tornou-se um dos livros banidos pelo regime de Salazar.

TRANSCRIÇÃO do Relatório/Censura N.º 6282 (7 de Fevereiro) relativo a

"QUANDO OS LOBOS UIVAM" DE AQUILINO RIBEIRO,

no blog Ephemera - Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira

«O autor intitula este livro de romance, mas com mais propriedade deveria chamar-lhe de romance panfletário, porque todo ele foi arquitetado para fazer um odioso ataque à actual situação política.

Escrito numa prosa viril, classifica o governo de "piratas" e descreve várias Autoridades, Funcionários, Polícia, Guarda Republicana e Tribunais em termos indignos e insultuosos.

Um interrogatório num posto da G.N.R. e uma audiência dum Tribunal Plenário, são focados de uma forma infamantes.

São desnecessárias mais citações, porque basta folhear o livro, encontra-se logo matéria censurável em profusão.

É evidente que, se o original tivesse sido submetido a censura prévia, não teria sido autorizado, porque é, talvez, a obra de maior ataque político que ultimamente tenho lido.

Sucedo, porém, estou disso certo, que já devem ter sido vendidos muitas centenas de exemplares, e muitos outros também, já devem ter passado a fronteira, por isso, deixo ao esclarecido critério de V.Exa., decidir se nesta altura, será de boa política mandar apreender o livro, fazendo-lhe (...)».

Com base no Relatório, lê-se, foram tomadas as seguintes decisões:

«1) Não autorizada a reedição;

2) Não permitidas críticas em imprensa;

3) Apreender os poucos exemplares que, possivelmente, existam (...)».

Despacho assinado pelo censor.

Uma curiosidade é que enquanto, em terras lusas, o regime tentava amordaçar o escritor, no Brasil era publicado um livro chamado Quando os lobos julgam a justiça uiva – texto integral da acusação e defesa no processo de Aquilino Ribeiro.

António de Oliveira Salazar acabou por reconhecer a mestria de Aquilino:

"É um inimigo do Regime. Dir-lhe-á mal de mim; mas não importa: é um grande escritor."

Desengane-se quem acha que é um escritor fácil, porque não é. A escrita é magnífica, a riqueza do vocabulário exuberante, original e pitoresco - lembrou-me por vezes Camilo Castelo Branco – cheia de regionalismos e arcaísmos que dão força à narrativa. Para um bicho da cidade, como euzinha, alguns termos regionais são praticamente impossíveis de entender, por isso, tive que socorrer-me do Glossário sucinto para melhor compreensão de Aquilino Ribeiro, Elviro da Rocha Gomes.

Bendita internet, fazes milagres quando mais precisamos.

Talvez, hoje em dia, não se dê a devida importância a Aquilino mas sem dúvida que é um dos maiores prosadores da língua portuguesa.

P.S. — Obrigada Teresa pelo livro, já está prontinho para regressar à base ?

Luís C. says

50s. Beira Alta. In the fragrances of the Sierra de Milhafres there is the place of Rochambana. A hovel

flanked by less than two hectares of land where old Teotonio Louvadeus lives with the land, and with the saw, an old hermit wolf who is the heart of food and ingenuity to live in peace with his solitude. Teotónio Louvadeus has the strength of the granite and among the people of those lost places, hidden in the limpets of the ridge, runs to the small mouth that has a pact with the Devil: he speaks with the wolves that threaten other places and herds, but that come to eat at hand of the old man. He does not care about the rumors. He only fears vengeance. The guard knows he has no equal poacher in the vicinity.

For more than 10 years, his son Manuel has left for Brazil. In Arcabuzais he left his wife, Filomena, and two sons Jorge and Jaime with the oath to return rich, at least remedied, with enough money to kill hunger, this bad disease that hung like a threat on the humble multitude that was born and lived in the hills of Milhafres. Old Teotonio dreamed of the day when he could embrace his son, and since he did not pray to God, he prayed to the mountain, that the mountains had the generosity of the mothers, to send him back. Perhaps it was by begging so much that Manuel Louvadeus returned. He brought no fortune, of course, but he returned less poor than on the day he left Arcabuzais.

The edition in my possession is a facsimile edition of the Portuguese daily newspaper "Público", on the occasion of the 500th anniversary of the library of the University of Coimbra: it is already sold there on the black market at exorbitant prices, but it is worth (beyond the text), the preface and other similar things. In may, not to be missed !!!

José Sousa says

Excelente romance!

Joao says

Bom livro, explica a história de uma serra no interior centro norte de Portugal onde a ruralidade impera e as parcas condições de vida no fim dos anos 50 mostram como Portugal do pós guerra era a nação menos desenvolvida da Europa ocidental os 3 F a funcionar podem ser de fome, frio e fuga! Aquilino mostra como o regime fascista tratava mal o Portugal Rural com o objectivo deste ficar ainda mais pobre e parado no tempo! Vale a pena ler não admira ter sido censurado nos anos 60

Paula M. says

Querem liquidá-lo? ...Acabe-se com o sobrevivente genuíno duma estirpe que emerge da noite dos tempos, dotado das qualidades raciais próprias do ibero, do celta, do lusitano ou galaico..

Como lobo que se queda no cimo dos picotos, e observa atentamente o horizonte alargado, Aquilino Ribeiro inspira todos os cheiros e cores da serra, abarca a geografia das planuras e das montanhas e ouve todos os fios de água corrente. Sabe os hábitos dos coelhos e das lebres e a hora da raposa pelos caminhos. Conhece a carqueja, a chamiça, a urze e a junça e está atento ao som dos socos serranos pelos caminhos graníticos. A sua prosa é uma festa para os sentidos!

Aquilino escreve com genuínas palavras serranas a fibra dos filhos da terra. Coloca-nos no meio deles e do

Diabo, que lhes fareja e persegue o rasto, não permitindo que mudem o rumo, ou melhor, de condição.

Magnífico !

Um livro-mais-que-perfeito de Aquilino Ribeiro.

Iceman says

Publicado em 1958, “Quando os Lobos Uivam” é talvez o romance mais conhecido de Aquilino Ribeiro e um dos últimos que escreveu. Já anteriormente “marcado” pelo regime salazarista, esta obra valeu-lhe um mandato de captura e a apreensão de todos os exemplares editados.

E o que faz deste romance algo “digno” de censura e o seu autor “persona non grata” para o regime?

Serra dos Milhafres, finais dos anos 40, o Estado Novo resolve impor aos beirões uma nove lei: Os terrenos baldios que sempre tinham sido utilizados para bem comunitário e onde essa comunidade retirava parte vital do seu sustento, seriam agora “expropriados” e esses terrenos utilizados para plantar pinheiros. Assim, sem mais nem menos, o Estado chega e diz que, a partir daquele momento, acabou.

Implanta-se um clima de medo nas gentes e é esse clima que Manuel Louvadeus, que havia emigrado para o Brasil anos antes, vem encontrar quando regressa à aldeia.

Homem vivido e culto devido, segundo o próprio, aos muitos livros que por lá havia lido, Manuel tem uma visão para os dois lados e um sentido de justiça que rapidamente o fazem cair nas boas graças das gentes do povo.

Toma então parte da sua gente, homens honestos e humildes que trabalham de Sol a Sol mas que não deixam de viver em condições miseráveis.

A revolta acaba por suceder e entre mortos e feridos tudo acaba numa caçada aos homens por parte da polícia que leva muitos homens à prisão acusados de serem instigadores e cérebros da revolta. O Estado mostra então todo o seu esplendoroso poder.

Obviamente que mais de 50 anos após a sua publicação muitos não entendem o porquê da censura, no entanto não é necessário grandes pesquisas para entender, até porque Aquilino Ribeiro é directo, não se refugia em metáforas ou alegorias.

Aqui representado está a saga dos beirões na defesa dos terrenos baldios perante a ditadura do Estado Novo.

Representado também, ou se quiserem, brilhantemente retractado, a miséria em que vivia o povo beirão que é apenas a mostra da maioria da população portuguesa da altura, assim como a sua ignorância que, sobretudo, grassava no interior de Portugal.

É normal que o romance tivesse enfurecido o regime. Aquilino Ribeiro é demolidor na forma como denuncia a natureza, prepotência e arrogância do Estado, mas vai mais longe, descreve o funcionamento dos Tribunais Plenários fascistas e a ligação do sistema judicial às classes dominantes do país. Estes tribunais que funcionaram de 1945 a 24 Abril 1974, foram um dos mais tenebrosos mecanismos repressivos. Aquilino denuncia a podridão desse mecanismo e da cumplicidade entre magistrados e polícia política.

Algo que me fascinou em Aquilino Ribeiro foi a sua escrita. Poética a forma como constrói a narrativa, utilizando expressões beirãs (confesso que muitas dessas expressões me eram totalmente desconhecidas) que nos situam temporalmente em simultâneo com uma descrição sublime das gentes, transmitindo-nos a sua humildade e a sua natureza que, no fundo, é a natureza, a raiz do povo português.

Enlevante nas palavras, na graça e ironia que coloca, na arte do saber escrever.

Um livro belíssimo, uma pérola da literatura portuguesa, um verdadeiro mestre da arte da escrita.

Compreendo agora porque José Saramago afirmou, quando ganhou o Prémio Nobel da Literatura, que se Aquilino Ribeiro estivesse vivo seria ele a receber o Nobel.
